

# Quebrantões, tão perto e tão longe

## Um estudo sobre a influência do não edificado na segregação espacial urbana – as dimensões da acessibilidade e dos vazios urbanos.

### Resumo

O estado de conservação e função urbana do não edificado podem agravar ou amenizar a segregação espacial urbana. Assim sendo, recorrendo ao estudo das dimensões da acessibilidade e dos vazios urbanos pretendemos apresentar propostas que contribuam para a redução deste processo em Quebrantões. Com esse objetivo, recorremos ao estudo e análise crítica de trabalhos e dados levantados por terceiros, produzimos cartografia e simulações para procurarmos propostas que respondessem aos problemas detetados. As propostas a que chegamos não são consensuais, mas enquadram-se nos projetos previstos para o local de estudo e áreas adjacentes numa lógica de continuidade.

### Introdução

A segregação espacial urbana pode ser entendida como uma forma de criar áreas onde residem grupos com grandes diferenças socioeconómicas e de acessibilidade a equipamentos coletivos (Vasconcelos, 2016). Enquanto processo, é influenciado pelo espaço não edificado (Almeida, 2019), conceito que é definido por muitos como o que se opõe a edificado, “que se percebe como fundo ou vazio.” (Guerreiro, M, 2008, p.15). Para estudar esta relação, partindo do reconhecimento da área de estudo via Google Earth, primeiro, selecionamos duas dimensões: a acessibilidade e os vazios urbanos. Por acessibilidade entendemos “a facilidade de um dado lugar ser alcançado, ou desse lugar poderem ser alcançados o conjunto de outros locais de um território” (Roxo, 2016, p.18). Para vazios urbanos, adotamos a definição de Beltrame (2012, p.115) que aponta que estes espaços “abrangem desde a inexistência de construção, à não ocupação, à desocupação, à decadência, ao não uso e ao subaproveitamento dos espaços, sejam eles terrenos ou edificações consideradas como urbanos”. Depois, formulamos a questão: de que forma podemos intervir no espaço não edificado para contribuir para a amenização da segregação espacial urbana de uma área, tornando-a mais atrativa e contribuindo para a qualidade de vida dos seus residentes? Para responder a esta questão pretendemos apresentar soluções que respondam aos seguintes objetivos:

- proporcionar melhores condições de acessibilidade local à população;
- dinamizar a economia local;
- criar um espaço comunitário diferente que possibilite o bem-estar social e o aumento da autoestima.

### Caraterização da área de estudo



**Figuras 1 a 3 – Ruas de Quebrantões** (Fonte: Grupo Espaço Não Edificado, Cidades Sustentabilidade e Ambiente, 2018/2019, FLUP)

Quebrantões localiza-se na freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Vila Nova de Gaia, na Área Metropolitana do Porto, junto ao rio Douro. Segundo Márcia Filha (2019), demograficamente, caracteriza-se por uma população pobre e com tendência para o envelhecimento, com poucos jovens. Apesar da ação desenvolvida pela Associação Recreativa Novinhos de Quebrantões, é marcada pela segregação espacial urbana, com histórico de bairros sociais que se tornaram problemáticos e marcaram negativamente o local. Quanto aos aspetos físicos do território, a autora sublinha o forte declive, o clima frio e húmido, e ao nível da acessibilidade, ruas que apresentam problemas como: falta de passeios e rampas, piso irregular, forte declive, e estreitamentos da via (Fig. 1 a 3).

### Metodologia

O estudo baseou-se em metodologias qualitativa e quantitativa. Primeiro, procedeu-se a pesquisa bibliográfica para definição e delimitação dos conceitos chave e ao Google Earth para reconhecimento da área. Depois, fez-se uma reanálise crítica de trabalhos prévios, validando ou não os dados levantados, e verificaram-se os projetos previstos para o local e áreas adjacentes. Por fim, recorreu-se ao Google Earth, condicionantes do PDM de V. N. Gaia e a ferramentas de SIG para determinarmos os vazios urbanos (Fig. 4), aos quais acresceu a aplicação web MOVIT para confirmarmos problemas detetados em trabalhos de terceiros e apresentar propostas para os amenizar.

**Figura 4:** Categorias de vazios urbanos (Adaptado de Clemente, J. Silveira, José e Silveira Júlio, 2011, pág. 62.)

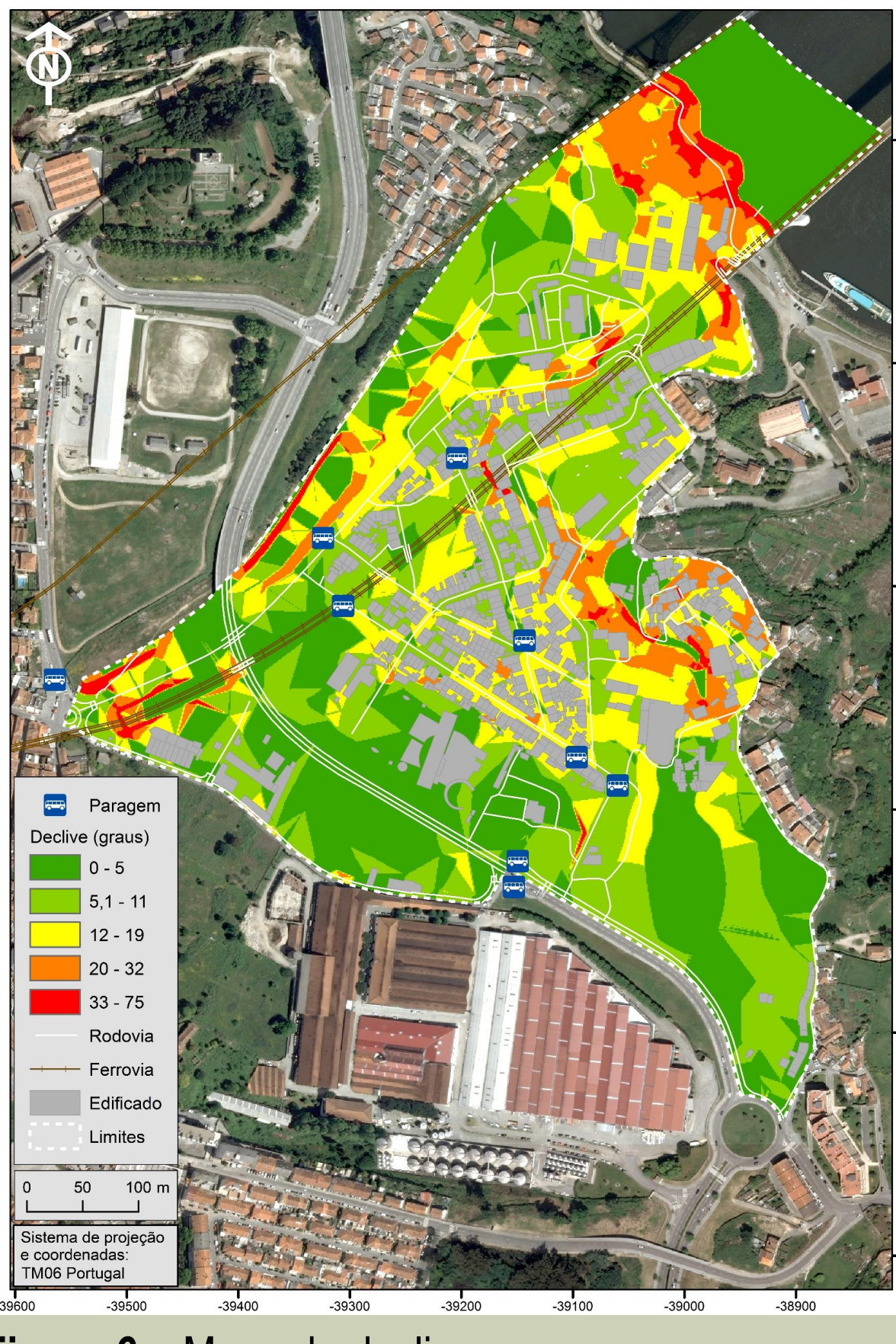
Categorias		Função	Uso		Ocupação
Critério	Categorias		Total	Parcial	
Vazio urbano	lote não ocupado	Não	Não	Não	Não
	edificação não utilizada	Não	Não	Não	Sim
	ruína	Sim	Não	Não	Sim
	construções interrompidas	Não	Não	Não	Não

### Resultados: apresentação, análise e discussão

Fatores Internos	Fatores Positivos	Fatores Negativos
	<b>Forças</b> <ul style="list-style-type: none"><li><b>Localização geográfica</b></li><li><b>Espaços verdes</b></li><li><b>Paisagem</b></li><li><b>Proximidade ao Cais Fluvial de Quebrantões</b></li></ul>	<b>Fraquezas</b> <ul style="list-style-type: none"><li><b>Declive acentuado</b></li><li><b>Conforto bioclimático: frio e húmido;</b></li><li><b>População envelhecida e pobre</b></li><li><b>Estado de conservação do edificado e estradas</b></li><li><b>Espaços vazios em mãos privadas</b></li><li><b>Rede de transportes públicos deficitária</b></li></ul>
Fatores Externos	<b>Oportunidades</b> <ul style="list-style-type: none"><li><b>Projeto de nova travessia do Douro</b></li><li><b>P.D.M. de V. N. Gaia – UOPG OD4 – Quebrantões</b></li><li><b>Turismo</b></li><li><b>Eco-freguesias XXI (Participação da J. F. de Oliveira do Douro)</b></li><li><b>17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU</b></li></ul>	<b>Ameaças</b> <ul style="list-style-type: none"><li><b>Pandemia COVID-19</b></li><li><b>Crise económica</b></li></ul>

**Figura 5 – Análise SWOT para Quebrantões** (elaboração própria)

A análise SWOT (Fig. 5) apresenta um grande desequilíbrio quanto ao número de elementos dos aspetos estudados, e não revela o peso que cada um tem na tomada de decisão. Sublinhamos as fragilidades, que vão afetar com mais incidência, populações pobres e idosas.



**Figura 6 – Mapa de declives** (fonte: elaboração própria).

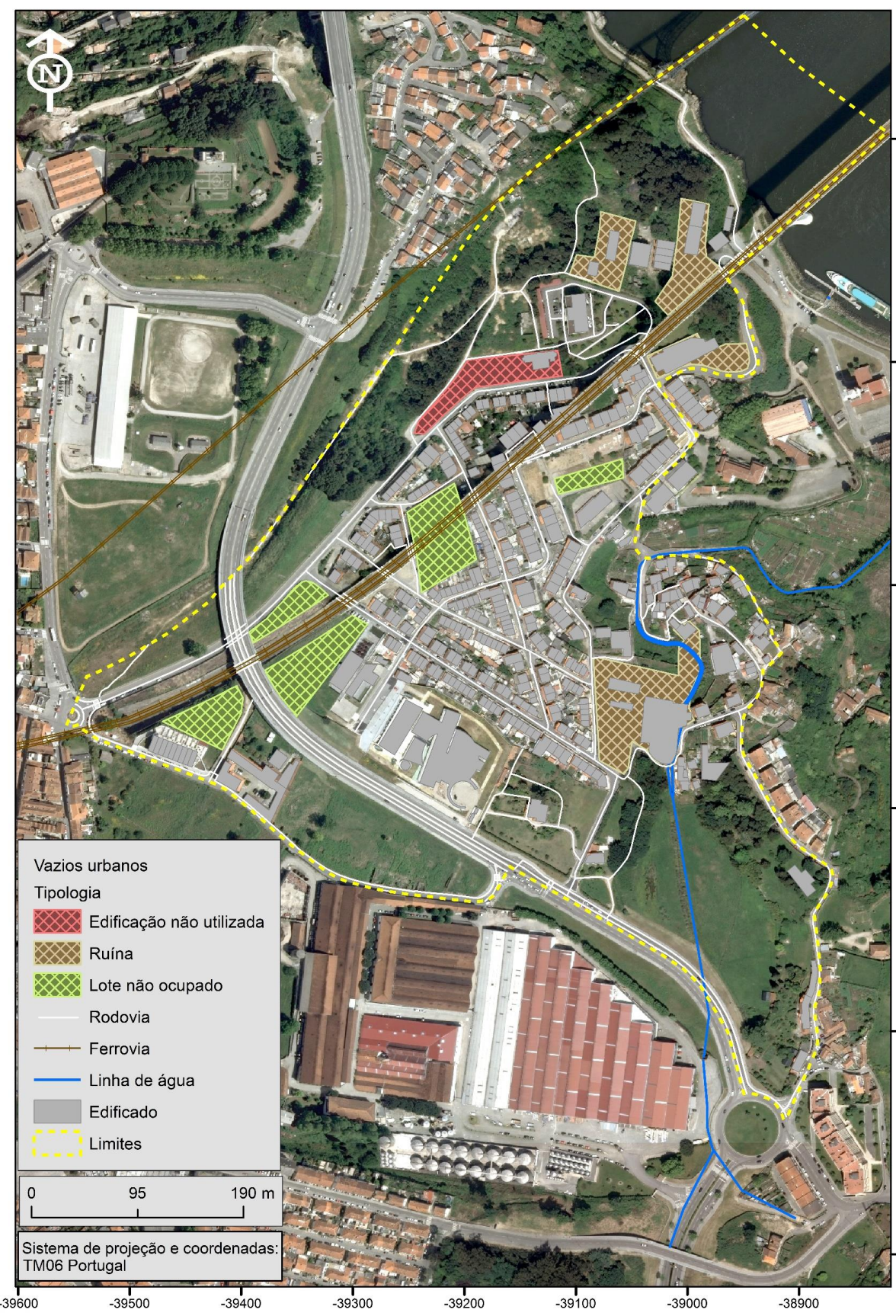
insuficientes para verificar se a situação persiste e se se aplica a todas as ruas. Um levantamento via Google Earth, apresenta limitações: nem todas as ruas permitem o acesso por street view e a imagem não é atual.



**Figura 7 – Simulações de viagens – MOVIT**

As simulações de viagem (Fig. 7) realizadas na aplicação MOOVIT, com partida em diferentes horas do dia, em conjunto com o que mencionamos anteriormente, reforça que esta área é, sobretudo, acessível via automóvel ou pedonal, neste último caso com todos os constrangimentos já identificados.

No que concerne aos vazios urbanos (Fig. 8), o levantamento realizado via Google Earth, permitiram aferir três tipos à data da imagem: edificação não utilizada, ruínas e lote não utilizado. Foram considerados como não edificado o lote não utilizado e as ruínas, estas últimas em virtude do avançado estado de deterioração em que se encontravam



**Figura 8 – Mapa de vazios urbanos** (fonte: elaboração própria).

### Propostas

#### Acessibilidade

Como primeira proposta, apresentamos o Projeto de escadas rolantes em Medellín na Colômbia (Fig. 9) que se tornou uma cidade “referência de transformação urbana baseada no urbanismo social e inclusivo” adaptado à geografia do território (Dias & Júnior, 2017). Ao nível do indivíduo apresenta



**Figura 9 – Representação das escadas rolantes em Medellín** (<https://extra.globo.com/noticias/mundo/favela-na-colombia-ganha-escada-rolante-gigante-3537395.html>)

vantagens sobre os autocarros, pois neste caso, o indivíduo é dono do seu tempo, não depende de horários fixos. Assim, propomos a implementação de uma escada rolante que ligue a parte alta e baixa da área (Fig. 10).

#### Vazios Urbanos

No âmbito dos vazios urbanos, a proposta é a criação de uma horta urbana, destinada ao cultivo de plantas, hortaliças, árvores de fruto ou outro tipo de vegetação, cujos frutos e produtos podem ser comercializados numa feira semanal de produtos biológicos. Este espaço anteriormente vazio, pode ainda ser



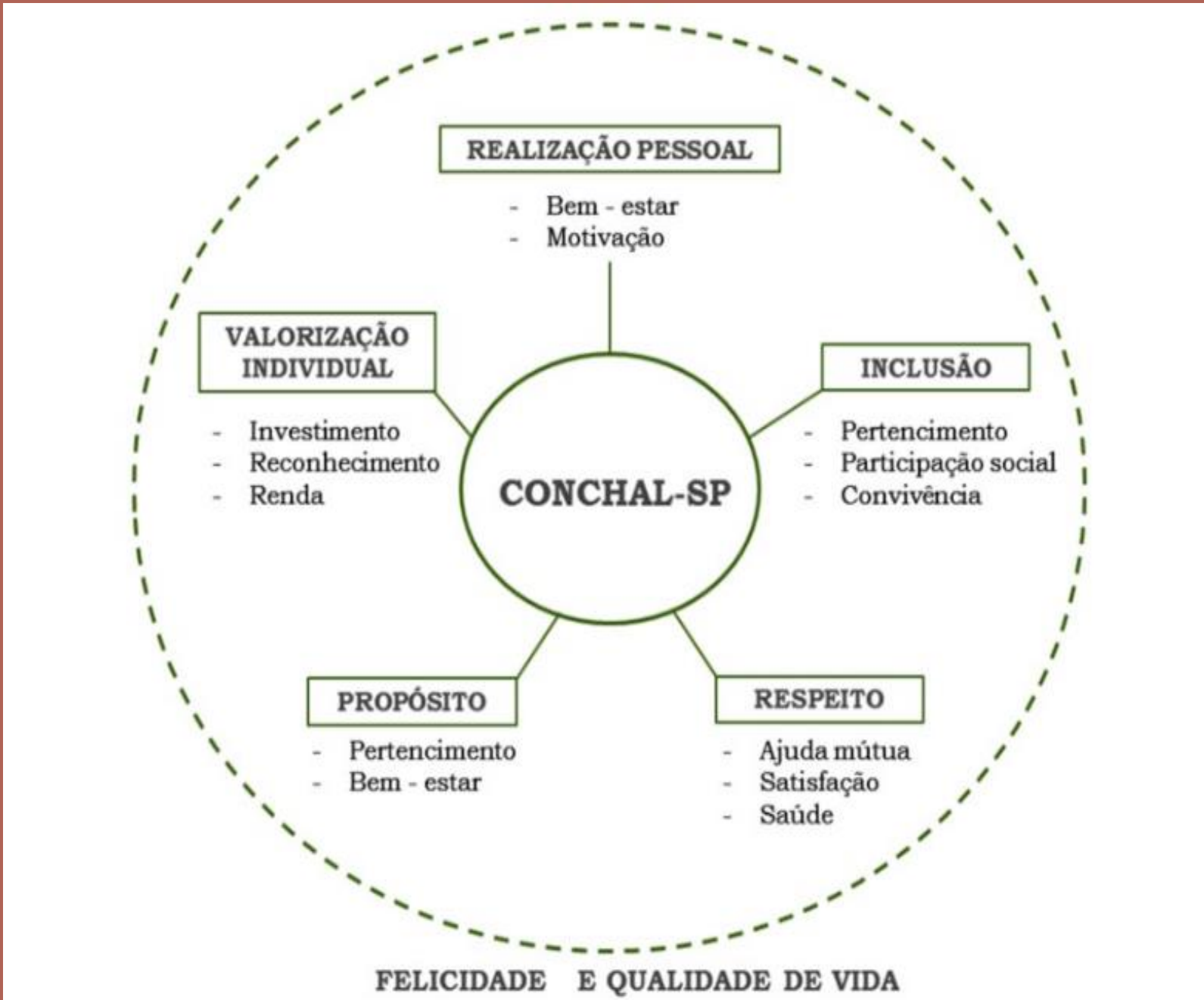
**Figura 10 – Mapa de propostas finais** (elaboração própria)

aproveitado para o lazer e convívio entre famílias e municipais, criando o enriquecimento sociocultural das comunidades. Reforçamos a funcionalidade desta proposta com um estudo de caso que foi posto em prática no Brasil (Fig.11), considerado um exemplo de planeamento para uma cidade saudável (Sperandio, Moreira, & Bernardino, 2018). A intervenção teve um impacto



**Figura 11 – Representação do projeto na Horta Comunitária no Conchal.** (Sperandio, Moreira, & Bernardino, 2018, pág. 7)

positivo (Fig. 12) nos residentes que alegaram “que as atividades desenvolvidas na horta comunitária acrescentam às suas vidas mais saúde, alimentos saudáveis, a oportunidade de produzir o próprio alimento, geração de renda, a prática do trabalho em equipa, tranquilidade, ambiente bonito e o sentir-se bem, remetendo-se a uma terapia coletiva e melhoria da saúde mental(...)”. (Sperandio, Moreira, & Bernardino, 2018, pág. 7)



**Figura 12 – Esquema com palavras-chaves resultante do projeto da Horta Comunitária do Conchal** (Sperandio, Moreira, & Bernardino, 2018, p. 9).

### Considerações finais

As propostas a que chegamos respondem à pergunta e aos objetivos a que nos propusemos, e enquadram-se, no conjunto de projetos previstos no local e áreas adjacentes. Mas levantam uma série de questões quanto à probabilidade de sucesso, nomeadamente por diferenças culturais e modos de vida da população entre os locais em que foram adotadas e a realidade portuguesa. Por outro lado, este trabalho atravessou uma série de constrangimentos, nomeadamente quanto ao tempo, inacessibilidade de dados próprios, e levantamentos no terreno, tornando difícil a implantação no terreno das propostas, entre outros. Contudo, cremos que este estudo pode constituir um ponto de partida para o estudo da viabilidade da implementação destas soluções no local.